

Irmãozinho e Irmãzinha

O irmãozinho pegou a irmãzinha pela mão e disse: «Desde que nossa mãezinha faleceu, não temos nem uma hora de alegria; a madrasta nos bate todos os dias, e quando vamos até ela, ela nos enxota aos pontapés. Ela nos alimenta apenas com crostas duras que sobram da mesa, e a cachorrinha debaixo da mesa vive muito melhor: pelo menos, de vez em quando, ela lhe atira um pedaço gostoso. Deus nos livre se nossa mãezinha soubesse disso! Vamos, vamos vagar juntos pelo mundo branco».

E foram, e caminharam o dia inteiro por prados, por campos e por pedras; e quando chovia, a irmãzinha dizia: «O céu e nossos corações choram juntos!»

À noite, chegaram a uma grande floresta e estavam tão cansados de sua tristeza, da fome e da longa jornada, que se enfiaram no oco de uma árvore e adormeceram.

Na manhã seguinte, quando acordaram, o sol já estava alto no céu e aquecia fortemente o oco da árvore. Então o irmãozinho disse: «Irmãzinha, estou com sede, e se eu soubesse de uma nascente aqui por perto, correria até lá agora mesmo para beber; parece-me que ouvi o murmúrio de água aqui perto». Ele se levantou, pegou a irmãzinha pela mão, e foram procurar a nascente.

Mas a madrasta má deles era uma bruxa e viu as crianças saírem de casa, e ela mesma, invisível como todas as bruxas, esgueirou-se atrás delas e encantou todas as nascentes da floresta.

Assim, encontraram uma nascente que brilhava, saltitando sobre as pedras, e o irmãozinho já ia beber dela; porém a irmãzinha ouviu como a nascente murmurava entre o respingar da água: «Quem de mim beber água, em tigre se transformará! Quem de mim beber água, em tigre se transformará!»

Então a irmãzinha exclamou: «Peço-te, irmãozinho, não bebas, senão te transformarás numa fera cruel e me despedaçarás».

O irmãozinho não bebeu, embora uma sede insuportável o torturasse, e disse: «Esperarei até a próxima nascente».

Quando chegaram à segunda nascente, a irmãzinha também ouviu, entre o murmúrio daquela: «Quem de mim beber água, em lobo se transformará; quem de mim beber água, em lobo se transformará».

E a irmãzinha gritou ao irmão: «Irmãozinho, peço-te, não bebas, senão te transformarás em lobo e me comerás».

O irmãozinho não bebeu e disse: «Esperarei até a próxima nascente, mas lá beberei certamente, não importa o que digas: minha sede é demasiado insuportável».

Assim, chegaram à terceira nascente, e a irmãzinha ouviu como ela murmurava entre o respingar da água: «Quem de mim beber, em cabrito selvagem se transformará; quem de mim beber, em cabrito selvagem se transformará».

A irmãzinha disse: «Ah, irmãozinho, peço-te, não bebas, senão te transformarás num cabrito selvagem e fugirás de mim».

Mas o irmãozinho já se lançara à nascente, inclinou-se sobre ela e sorveu um pouco de água, e assim que a primeira gota tocou seus lábios, ele já se encontrava junto à nascente transformado num cabrito selvagem.

A irmãzinha chorou sobre o irmão encantado, e o cabritinho também chorou e ficou sentado ao lado dela, triste e abatido. Por fim, a irmãzinha disse: «Não te entristeças, meu querido cabritinho, nunca te abandonarei».

Então ela desatou sua liga dourada e a amarrou ao pescoço do cabritinho; depois colheu juncos e trançou deles uma corda macia. Nessa corda, ela prendeu o cabritinho e o levou adiante, e continuou andando, andando, fundo na floresta. E assim, após uma longuíssima caminhada, chegaram finalmente a uma casinha pequena, e a irmãzinha espiou para dentro; a casinha estava vazia, e ela pensou: «Aqui podemos ficar e morar».

Então ela recolheu folhas e musgo para fazer uma cama macia para o cabritinho e, todas as manhãs, saía de casa e colhia para si raízes, bagas e nozes, enquanto para o cabritinho trazia erva tenra, que ele comia de suas mãos e ficava contente, brincando perto dela.

À noitinha, cansadinha, a irmãzinha costumava rezar, apoiava a cabeça nas costas do cabritinho, como numa almofadinha, e assim adormecia. E se apenas o irmãozinho tivesse sua antiga forma humana, eles viveriam muito bem.

Assim viveram eles algum tempo, completamente sozinhos, na solidão.

Aconteceu, porém, que o rei daquele país organizou uma grande caçada naquela floresta.

Soaram por toda parte os sons dos cornos, o latido dos cães, os alegres gritos dos caçadores ecoaram longe pela floresta, e o cabritinho ouvia tudo isso e tinha muita

vontade de estar lá. «Ah», disse ele à irmãzinha, «deixa-me sair para ver a caçada. Não consigo ficar parado aqui!» — e implorou-lhe até que ela o soltasse. «Só toma cuidado», disse ela a ele, «à noite volta para mim, pois terei de me trancar contra esses caçadores maus; e para que eu te reconheça, bate à porta e diz: 'Irmãzinha, deixa-me entrar', e se não disseres assim, não te abrirei a portinha».

Assim, o cabritinho saiu pulando de casa, e sentia-se tão bem, tão alegre ao ar livre! O rei e os servos notaram o belo animal e lançaram-se em sua perseguição, mas de modo algum conseguiam capturá-lo, e quando já pensavam que ele estava quase em suas mãos, ele saltou por cima de um arbusto e desapareceu.

Assim que escureceu, ele correu de volta à casinha, bateu à porta e disse: «Irmãzinha, deixa-me entrar». Então a portinha foi aberta para ele, ele saltou para dentro da casa e passou a noite inteira descansando em seu pequeno leito.

Na manhã seguinte, a caçada recomeçou, e quando o cabritinho ouviu o som dos cornos e os gritos dos guardas-florestais, ele novamente ficou inquieto e disse: «Irmãzinha, abre-me a porta, deixa-me sair». A irmãzinha abriu a porta e disse: «Só vem à noite, sem falta, e não te esqueças de tuas palavrinhas».

Quando o rei e seus guardas-florestais viram novamente o cabritinho com o colar dourado, todos se lançaram em sua perseguição; mas ele mostrou-se extraordinariamente veloz e ágil.

Passaram o dia inteiro perseguindo-o; finalmente, ao entardecer, cercaram-no, e um dos guardas-florestais feriu-o ligeiramente na pata, de modo que ele passou a mancar e já não corria tão rápido.

Então, um dos guardas-florestais esgueirou-se atrás dele até a própria casinha e ouviu como o cabritinho disse: «Irmãzinha, deixa-me entrar», e viu como a porta se abriu diante dele e tornou a fechar-se.

O guarda memorizou tudo isso muito bem, foi até o rei e contou-lhe o que vira e o que ouvira. Então o rei disse: «Amanhã caçaremos novamente».

A irmãzinha ficou terrivelmente assustada quando viu que seu cabritinho estava ferido. Ela lavou o sangue da ferida, aplicou ervas medicinais sobre ela e disse: «Vai para tua caminha, meu querido cabritinho, para sarar logo».

A ferida, porém, era tão insignificante que, pela manhã, o cabritinho já nem a sentia.

E quando ele ouviu os sons alegres dos cornos de caça que chegavam da floresta, disse: «Não consigo ficar em casa, preciso estar lá; eles não me capturarão tão facilmente».

A irmãzinha chorou e começou a dizer-lhe: «Agora vão matar-te, e eu ficarei aqui, na floresta, sozinha e abandonada por todos: não te deixarei sair hoje». «Então morrerei aqui diante de teus olhos de tristeza!», respondeu o cabritinho. «Quando ouço o som do corno de caça, minha alma voa para lá!»

Então a irmãzinha viu que não poderia segurá-lo e, com grande relutância, abriu-lhe a porta, e o cabritinho, alegre e vigoroso, disparou para a floresta.

O rei, assim que o viu, disse aos seus guardas-florestais: «Agora persigam-no pelo rastro o dia inteiro até a noite, mas que ninguém lhe faça mal algum».

E quando o sol se pôs, ele disse àquele guarda que no dia anterior seguira o cabritinho: «Bem, vamos, mostra-me a casinha da floresta».

Chegando diante da portinha, ele bateu e gritou: «Irmãzinha, deixa-me entrar».

Então a portinha abriu-se, o rei entrou na casinha e viu ali uma donzela de beleza incomparável. Ela assustou-se ao ver que não era seu cabritinho quem entrara, mas um homem com uma coroa dourada na cabeça. Mas o rei olhou para ela com ternura, estendeu-lhe a mão e disse: «Não queres vir comigo ao castelo e ser minha querida esposa?» «Oh, sim!», disse a donzela. «Mas o cabritinho deve ficar comigo — não o deixarei aqui». «Que fique contigo», disse o rei, «enquanto viveres, que também ele tenha tudo em abundância».

Nesse meio tempo, o cabritinho chegou, e a irmãzinha novamente o prendeu na corda, tomou a corda nas mãos e partiu com o cabritinho da casinha da floresta.

O rei levou a bela moça consigo no cavalo e conduziu-a ao seu magnífico castelo, onde o casamento foi celebrado com grandiosa riqueza, e a irmãzinha tornou-se rainha e viveu durante muito tempo com o marido em plena prosperidade; e cuidavam do cabritinho e o protegiam, e ele saltava livremente pelo jardim do castelo.

E a madrasta má, por causa da qual as crianças haviam partido pelo mundo, já pensava que a irmãzinha provavelmente fora despedaçada por feras selvagens na floresta, e que o irmãozinho, transformado em cabrito selvagem, fora alvejado pelos caçadores.

Quando então

ela ouviu que eles eram tão felizes e que viviam bem, então a inveja e a inimizade voltaram a falar em seu coração e não lhe davam sossego, e ela passou a pensar apenas em como tornar ambos infelizes novamente.

A própria filha da madrasta, má como um pecado mortal, e ainda por cima caolha, começou a censurar sua mãe e dizia: «Eu é que deveria ser rainha, e não aquela mocinha». — «Senta-te e cala-te», disse a velha bruxa, acalmando-a, «chegará o tempo, e então eu me aproveitarei».

Passado algum tempo, a rainha deu à luz um lindo menino, e o rei justamente nessa ocasião estava na caça...

Então a velha bruxa assumiu a aparência de uma serva da rainha, entrou no quarto onde jazia a parturiente e disse: «Por favor, o banho está pronto para a senhora; será proveitoso e lhe dará novas forças; venha depressa, antes que a água esfrie».

A filha estava ali mesmo ao seu alcance; juntas levaram a rainha enfraquecida até o banho e a mergulharam na banheira; depois trancaram a porta firmemente e fugiram dali. E no banho acenderam um fogo tão infernal que a bela e jovem rainha teve necessariamente de sufocar ali.

Quando isso foi feito, a velha bruxa pegou sua filha, colocou-lhe uma touca e deitou-a na cama no lugar da rainha. Deu-lhe também a forma e a aparência da rainha, só que, como era torta de um olho, assim permaneceu; e para que o rei não percebesse, a filha da bruxa tinha de deitar-se sobre o lado em que era caolha.

À noite, quando o rei retornou e soube que lhe nascera um filhinho, alegrou-se de todo o coração e quis aproximar-se da cama e ver sua querida esposa.

Então a velha bruxa apressou-se a gritar: «Pelo amor de Deus, baixai as cortinas; a rainha ainda não deve olhar para a luz, e além disso precisa de repouso».

O rei afastou-se da cama e não sabia que nela jazia não sua esposa, mas outra, uma rainha substituta.

Exatamente à meia-noite, quando todos dormiam, a ama, que estava no quarto das crianças junto ao berço e era a única que não dormia em toda a casa, viu que a porta se abriu e a verdadeira rainha entrou no quarto das crianças.

Ela tirou a criança do berço, colocou-a no colo e deu-lhe de mamar. Depois arrumou-lhe a almofada, deitou-a novamente no berço e cobriu-a com a mantinha. Não esqueceu tampouco o cabritinho; foi ao canto onde ele jazia e acariciou-lhe as costas.

Em seguida, em profundo silêncio, saiu novamente pela porta, e na manhã seguinte a ama perguntou aos guardas se alguém havia entrado no castelo durante a noite — e recebeu a resposta: «Não, não vimos ninguém».

Assim ela veio muitas noites seguidas e nunca proferiu uma única palavra; a ama via-a todas as noites, mas não se atrevia a dizer nada a ninguém sobre isso.

Passado algum tempo, a rainha, durante uma de suas visitas noturnas, falou e disse:

Que tal, meu filhinho? Que tal, meu cabritinho?

Virei mais duas vezes e irei descansar.

A ama não lhe respondeu nada; mas quando ela desapareceu, a ama foi ter com o rei e contou-lhe tudo.

O rei disse: «Meu Deus, o que significará isto? Na próxima noite ficarei junto ao berço do meu filho».

E de fato, à noite ele veio ao quarto das crianças, e exatamente à meia-noite a rainha apareceu novamente e disse:

Que tal, meu filhinho? Que tal, meu cabritinho?

Virei mais uma vez e irei descansar.

E depois cuidou da criança, como nas visitas anteriores, e então desapareceu. O rei não se atreveu a falar com ela, mas não dormiu na noite seguinte. E novamente ela repetiu:

Que tal, meu filhinho? Que tal, meu cabritinho?

Vim pela última vez — vou descansar.

Então o rei não pôde conter-se, lançou-se para ela e disse: «Tu não és outra senão minha querida esposa». E ela respondeu: «Sim, sou tua querida esposa», — e no mesmo instante, pela graça de Deus, a vida retornou a ela, e ela surgiu diante do rei fresca, corada e saudável.

Depois ela contou ao rei sobre a maldade que a bruxa maligna e sua filha haviam cometido contra ela. O rei ordenou que ambas fossem levadas a julgamento, e ali foi proferida a sentença contra elas. A filha foi condenada a ser levada à floresta, onde foi dilacerada por feras selvagens; e a bruxa foi conduzida à fogueira, onde se consumiu. E quando da bruxa restou apenas cinza, o cabritinho selvagem deixou

de ser um metamorfo e tornou-se novamente um jovem; e o irmão e a irmã viveram inseparáveis e felizes até a morte.